



Fabio André Coelho
Jefferson Evaristo do Nascimento Silva
Organizadores

Volume I

Ensino de **Língua**
Portuguesa

TEORIAS
e Práticas



T

Fabio André Coelho
Jefferson Evaristo do Nascimento Silva
Organizadores

Ensino de **Língua**
Portuguesa

TEORIAS
e Práticas

Volume I

Um por outro: a moda brasileira de vestir o vestidor
gramma

Fabio André Coelho e Jefferson Evaristo do Nascimento Silva

Gramma Editora

Conselho Editorial: Berthana Azev, Francisco Carlos Teixeira da Silva, Geraldo Tadeu Monteiro, Gláucio Maradon, Ivan Reinaklim, João César de Castro Rocha, Lúcia Helena Salgado e Silva, Maria Cláudia Maia, Maria Isabel Mendes de Almeida, Miriam Goldenberg e Silene de Moraes Freire.

Supervisão Editorial: Gisele Moreira

Coordenação Editorial: Flávia Midori

Revisão: Sílvia Paes

Diagramação: Cristiana Ribas

Capa: Paulo Vermelho

Acompanhamento Gráfico: Evelyn Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Maria Helena Ferreira Xavier da Silva CRB7-5688

E59 : Ensino de língua portuguesa : teorias e práticas / organização [de] Fabio André Coelho, Jefferson Evaristo do Nascimento Silva. – Rio de Janeiro: Gramma, 2018.
v. 1, 282 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-5968-332-5

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino (Superior). 2. Ensino superior - Brasil. 3. Professores de português - Formação. I. Coelho, Fabio André, Org. II. Silva, Jefferson Evaristo do Nascimento, Org. III. Título.

CDD 344.095

Gramma Editora

Rua da Quitanda, nº 67, sala 301

CEP: 20.011-030 – Rio de Janeiro (RJ)

Tel./Fax: (21) 2224-1469

E-mail: contato@gramma.com.br

Site: www.gramma.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/1998).

Sumário

PREFÁCIO

VII

CAPÍTULO 1

Português língua não materna e ensino: múltiplos olhares

1

Alexandre do Amaral Ribeiro, Flávio de Aguiar Barbosa,

Jefferson Evaristo do N. Silva e Rosa Marina de Brito Meyer

CAPÍTULO 2

Paralelismo não é perfumaria:

aplicação didática de um princípio sintático

25

André Conforte

CAPÍTULO 3

A dinamicidade semântico-gramatical no ensino

do português do Brasil

43

André Crim Valente

CAPÍTULO 4

Formações X-Teca no português do Brasil:

entre a composição e a derivação

61

Carlos Alexandre Gonçalves e Camilla Nunes de Melo

CAPÍTULO 5

Morfologia e Acordo Ortográfico: Interferências e Impertinências

77

Cláudio Cezar Henriques

CAPÍTULO 6

Fonologia e seu impacto na fala e na escrita

87

Darcília Simões

CAPÍTULO 7

Um recado “à moda irlandês” sobre o ensino

da língua e da produção textual

101

Fabio André Cardoso Coelho

CAPÍTULO 8 O ensino de gramática Helênio F. de Oliveira	113
CAPÍTULO 9 A significação como fato gramatical José Carlos de Azeredo	125
CAPÍTULO 10 Sintaxe à vontade: uma reflexão sobre o ensino da sintaxe na escola básica Lúcia Deborah Araújo	137
CAPÍTULO 11 O ensino de Língua Portuguesa na escola básica Magda Bahia Schlee	155
CAPÍTULO 12 Complementos verbais: o que ensinar? Marcelo Beauclair	173
CAPÍTULO 13 Reflexões sobre estudos de semântica e de texto Maria Aparecida Lino Paulidkonis	185
CAPÍTULO 14 Bechara, Celso Cunha e Rocha Lima: a trindade de referência das gramáticas Maria Teresa Gonçalves Pereira	201
CAPÍTULO 15 Referenciação na construção do texto narrativo: marcas inferíveis Maria Teresa Tedesco Vilar do Abreu	211
CAPÍTULO 16 Texto e intertextualidade Tania Maria Nunes de Lima Camara	229
CAPÍTULO 17 O léxico como componente fundamental da língua: implicações pedagógicas Irandé Antunes	247
CAPÍTULO 18 Sintaxe: transitando entre teoria e ensino Vanda Maria Cardozo de Menezes	261

PREFÁCIO

Discutir e avaliar os processos de ensino de Língua Portuguesa, tanto na parte teórica como na parte prática, é sempre uma iniciativa elogiável. Sabemos que a atual conjuntura nacional não favorece a atuação dos professores, nem a aprendizagem dos alunos. De nada adianta vender à mídia e à sociedade uma pretensa qualidade dos exames nacionais de avaliação ou disfarçar os números de seus resultados, adotando-se critérios paternalistas ou, pior, agentes de camuflagem a serviço de interesses ou de ideologias. O fracasso escolar se evidencia na vida real, quando a deficiência na leitura e na escrita é punida sem dó pela própria sociedade.

De um modo geral, as pessoas acreditam nas estatísticas e nos percentuais divulgados pelos governos, mas não questionam de que modo foram eles alcançados ou construídos. O ENEM, o ENADE, o ANA, o ENCEJA e vários outros processos custam caro aos cofres públicos, sustentando muitas vezes grupos empresariais ou políticos — nem sempre da maneira lícita que deveria imperar.

Por isso, quando professores de verdade se reúnem para discutir estratégias de ensino, procedimentos didáticos, caminhos para suas pesquisas, aí sim se promove um avanço cuja consequência é levada para as salas de aula de um país que sempre fez da educação apenas uma propaganda em busca de votos.

Este livro contém os textos das seis mesas-redondas e das quatro palestras apresentadas no I CONELP (Congresso Nacional de Ensino de Língua Portuguesa), evento promovido pelo setor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UERJ de 01 a 03 de junho de 2016. Os 15 minicursos e as 60 sessões temáticas realizadas no I CONELP estão publicados em outros livros que completam a bela coleção de ensaios, comunicações e artigos daqueles que estão em campo, praticando ou teorizando sobre a principal tarefa do professor: ensinar a língua, para que as novas gerações possam se tornar, de fato, coproprietárias da cultura letrada nacional.

Em dias sombrios como os que percorreram os anos de 2016 e 2017, às vezes fica difícil não pensar em desistir, em reconhecer a derrota, em “sumir do mapa”. Razões não faltam, pois o cenário de desvio de verbas, de falta de apoio e de reconhecimento é por demais forte e assustador. Entretanto, é nessa hora que o verdadeiro professor se levanta para desafiar os poderosos e dizer que é possível, pela educação, fazer alguma coisa.

Estamos feridos, mas não estamos mortos. Sabemos que nossas crianças e nossos jovens precisam de uma orientação linguística segura, que não se venda às falsas bandeiras da supremacia da língua fácil, da oralidade como substituta genérica para a prática escrita responsável. Ensinar dá trabalho, mas também dá prazer. Os professores que se reuniram no I CONELP para confraternizar em torno do ensino e da pesquisa sabem disso. Atuam com determinação para dar a seus alunos as ferramentas necessárias para a conquista do texto, oral e escrito, na plenitude indispensável para o exercício de sua cidadania.

A UERJ e o Instituto de Letras receberam, em plena época de greve contra falta de verbas, mais de 1.000 inscritos para três dias de trabalho do CONELP. A Universidade da Resistência deu sua resposta, não fechou as portas, não se acovardou. O grupo encarregado pela realização do evento superou todas as dificuldades que normalmente se apresentam, quando se quer organizar um

congresso, mas teve de inventar soluções, desafiar a penúria dos órgãos de fomento, que negaram qualquer ajuda financeira.

Os professores Fábio André Coelho e Jefferson Evaristo do Nascimento, que atuaram como coordenadores executivos, estão de parabéns pelo sucesso do evento, mas já sabem que a comunidade acadêmica aguarda com expectativa a realização do próximo CONELP, já em sua versão Internacional.

Parabéns!

Cláudio Cezar Henriques
Professor Titular de Língua Portuguesa da UERJ

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRITO, A. C. *Lero-lero*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Gramática: texto, reflexão e uso*. São Paulo: Atual, 2008.
- COHEN, J. *Estrutura da linguagem poética*. Lisboa: Dom Quixote, 1976.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1977.
- ILARI, R. (Org.). *Palavras de classe aberta*. São Paulo: Contexto, 2014. (Gramática do português culto falado no Brasil, v. III)
- ILARI, R. (Org.). *Palavras de classe fechada*. São Paulo: Contexto, 2015. (Gramática do português culto falado no Brasil, v. IV)
- LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003 (1983).
- MESQUITA, R. M. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1999.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- PAES, J. P. *Um por todos*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- RAPOSO, E. B. P. *et al.* (Orgs.). *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2013.
- RICOEUR, P. *Teoría de la interpretación: discurso y excedente de sentido*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2014.
- SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- SARMENTO, L. L. *Gramática em textos*. São Paulo: Moderna, 2006.
- III LMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1964.
- VALLENTE, A. C. *A linguagem nosa de cada dia*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CAPÍTULO 4

Formações X-Teca no português do Brasil: entre a composição e a derivação

Carlos Alexandre Gonçalves
Camilla Nunes de Melo*

Introdução

Este texto configura-se em uma análise inicial do formativo *-teca* à luz da proposta de *continuum* composição-derivação (Bauer, 2005; Kastovsky, 2009). Aplicamos os parâmetros descritos em Gonçalves (2011) e Gonçalves e Andrade (2012, 2016), visando delinear algumas características de afixo que o formativo *-teca* tem apresentado ao longo do tempo e corroboramos que uma análise escalar é mais condizente com a natureza dos processos de formação de palavras do português.

O problema de fronteiras entre os processos de formação de palavras e a dificuldade de categorizar os formativos mais comuns a cada um desses processos constitui a principal motivação para este trabalho, que analisa um desses formativos que não apresentam clareza em sua classe, fazendo com que o processo que o envolve não seja detectado com nitidez. Esse formativo é *teca* em construções tais como “maridoteca”, “textoteca” e “enoteca”, entre tantas outras.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Ao longo do trabalho, procuramos mostrar que o elemento *teca* ora se comporta como radical, ora como afixo. Seu comportamento instável é ideal para a discussão a que se propõe este trabalho: avaliar as diferenças entre a derivação e a composição, a partir da análise do elemento *-teca*.

Além de defender a proposta de *continuum* entre os processos, este trabalho também mostra o quanto pode ser problemático conceber tais processos como vistos comumente na tradição morfológica, considerando que esta não dá conta dos casos menos prototípicos. Em suma, será colocado em xeque o engessamento das fronteiras entre derivação e composição e, para tanto, tomamos por base o formativo em destaque.

Para que esses objetivos sejam alcançados, o capítulo foi dividido como se segue. Em primeiro lugar, fazemos um breve apanhado sobre a categorização das unidades morfológicas e, consequentemente, dos processos que essas entidades definem. Logo após, revisamos o que a literatura descreve acerca do elemento em destaque. Por fim, aplicamos a proposta de *continuum* ao comportamento de *teca* e reafirmamos as vantagens desse novo tipo de abordagem para a descrição do português.

Sobre os limites entre composição e derivação

Como mostram Gonçalves e Andrade (2012), há vários elementos morfológicos que transitam na fronteira radical-afixo. Como exemplos, podem-se citar os seguintes: (a) *splinters*, pedaços de palavras que se originam de cruzamentos vocabulares, podendo se fixar à esquerda ou à direita na estrutura de novas palavras (*-nejo*, *-trocinio*, *caipi-;*); (b) xenocostituintes, *splinters* importados diretamente de outra língua, como o inglês, e utilizados com as adequações necessárias às estruturas fonológicas do português (*cyber-*, *tube*, *-gate*); (c) elementos neoclássicos, bases presas de origem grega ou latina utilizadas nas nomenclaturas técnico-científica e filosófica (*-latria*, *-lata*, *-lata*, *-lata*, *-lata*, *-lata*); (d) alíxoides, formativos neoclássicos ressemantizados que se fixam em posição predeterminada na

estrutura da palavra (foto-, bio-, tele-). Verifica-se, assim, que esses constituintes não se enquadram bem nem na composição nem na derivação, pois fazem uso de uma categoria de transição entre as duas.

Para Gonçalves (2011), a composição e a derivação, mesmo envolvendo diferentes unidades de análise, inter-relacionam-se de diversas maneiras. Esses processos de formação de palavras seriam casos que se enquadrariam nos “extremos prototípicos de um *continuum*, havendo, em decorrência, casos limítrofes com propriedades das duas operações morfológicas” (Gonçalves, 2011, p. 66). O autor se ampara na argumentação de um importante teórico que refletiu sobre um ponto crucial para que a proposta de *continuum* se sustentasse: Bauer (2005). Para esse autor, o que evidencia a inter-relação dos processos é a mudança morfológica. Tal pensamento pode ser comprovado a partir da conclusão de seu trabalho (2005, p. 107):

O problema não está na distinção entre composição e derivação — definidas a partir da oposição palavras/afixos obrigatoriamente presos; nesse sentido, tudo funciona bem. O problema está em certos elementos terem ou deixarem de ter estado compatível com outra categoria: formas que ocorrem na segunda posição em compostos/advérbios que se comportam como prefixos, morfemas únicos em processo de independência, pedaços de palavras ascendendo ao *status* de afixo.

Dessa maneira, justifica-se o *continuum* idealizado na figura a seguir, de maneira que os processos se relacionem a partir dos casos mais derivacionais para os menos derivacionais, portanto, posicionais:

Derivação | _____ | Composição

Derivação e Composição são, dessa forma, polos prototípicos de uma escala, como a formulada, originalmente proposta por

Kastovsky (2009), para o inglês. Ralli (2011) mostra que o estabelecimento de critérios empíricos pode ser útil na tentativa de se reconhecerem as principais características de afixos e radicais mais prototípicos. No entanto, a operacionalização desses parâmetros tende a ser difícil na prática, uma vez que os agrupamentos podem ser contraditórios, o que acaba (1) relativizando a categorização do formativo e, conseqüentemente, (2) colocando em xeque (a) a eficácia do critério e (b) a existência de fronteiras rígidas entre composição e derivação. A seguir, apresentamos os principais atributos dessas duas unidades de análise morfológica, reproduzindo o quadro de diferenças proposto em Gonçalves e Andrade (2016, p. 265):

Quadro 4.1 Principais diferenças entre composição e derivação

Unidades	Composição	Derivação
	A Palavras ou radicais	Afixos
B Formas livres ou presas que correspondem a palavras	Formas presas que não correspondem a palavras de conteúdo	
C Unidades com posição não necessariamente fixa na estrutura da palavra	Unidades definidas por uma posição determinada numa palavra complexa (à esquerda ou à direita)	
D As unidades combinam com uma grande variedade de tipos morfológicos	Suífixos combinam predominantemente com radicais; prefixos combinam exclusivamente com palavras	
E A cabeça lexical fica à esquerda, predominantemente	Cabeça lexical sempre à direita	
F Possibilidade de coordenação entre os constituintes	Não há possibilidade de coordenação	
G Por expressar ideias mais específicas, há um grande contingente de unidades linguísticas	Por expressar ideias mais gerais, há um número relativamente pequeno de unidades linguísticas	
H Caracterizam um inventário aberto	Caracterizam um inventário fechado	
I Possibilidade de flexão entre os constituintes	A flexão é sempre periférica	

Propriedades fonológicas	J	Partículas que recebem acento apenas na combinação com a base
	L	Isomorfismo entre palavra morfológica e palavra fonológica
Propriedades semânticas	M	Mudança na base pela aplicação de regras fonológicas cujo domínio é a palavra fonológica
	N	As unidades expressam um significado lexical
	O	Interpretação frequentemente holística
	P	Interpretação quase sempre compositiva
	Q	Mais estável porque o significado dos elementos geralmente muda por extensões metafóricas ou metonímicas
	R	Mais estável, apresentando funções sintáticas e semânticas predeterminadas, delimitando os possíveis usos e significados das palavras derivadas
Produtividade e produção	S	Constrói conjuntos mais naturalmente
	R	Constrói conjuntos mais completos de palavras (mais regular)

Fonte: Gonçalves e Andrade (2016, p. 265)

O Quadro 4.1 elenca as características mais salientes de cada processo, visando demonstrar que há casos mais prototípicos, pois atendem a quase todos os critérios definidos de um dos lados do quadro, e casos menos prototípicos, pois mesclam essas características.

Após a descrição dos processos que necessitam de um tratamento que não o tradicional no processo de formação de palavras, por lidarem com elementos não prototípicos, Gonçalves e Andrade (2012, 2016) justificam o tratamento por *continuum* a partir dos processos de gramaticalização. Para eles, esses processos evidenciam que elementos estão em constantes mudanças morfológicas, alinhando-se, com isso, a Bauer (2005) e Booij (2005), o que pretendemos mostrar ter ocorrido com *-teca*.

Referências a teca na literatura

Esta seção é *intrinsecamente dedicada* à revisão de como o elemento aqui em destaque é tratado pela literatura especializada e

tradicional. Esta revisão é extremamente importante, uma vez que mostra como *-teca* é concebido por alguns autores e como essa concepção pode ser problemática. Primeiramente, serão apresentadas as definições que gramáticos tradicionais fazem do formativo. Em seguida, definições de dicionários eletrônicos e etimológicos.

Na obra *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, o elemento *-teca* aparece na lista dos radicais gregos como um elemento que ocupa a segunda posição em compostos vinculando o significado de “lugar onde se guarda”. Os autores explicitam que radicais como *teca* são “fonte de quase todos os neologismos filosóficos, literários, técnicos e científicos” (Cunha e Cintra, 2007, p. 127).

Outras obras, tais como *Moderna Gramática Portuguesa* (Bechara, 2009) e *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (Lima, 2011), também foram consultadas; todavia, tais obras não mencionam o formato nos capítulos destinados aos processos de formação de palavras. Nota-se, portanto, que as gramáticas tradicionais ou definem *-teca* essencialmente como um radical ou negligenciam o formativo, que sequer consta das listas de elementos greco-latinos (neoclássicos).

A fim de procurar uma definição histórica acerca do formativo, recorreu-se às possíveis definições encontradas em dicionários etimológicos (Corominas, 1987; Cunha, 2010; Nascentes, 1955). O primeiro deles não apresentou uma definição exclusiva, assim como os demais, para o formativo. Nele havia apenas um exemplo com o elemento, aludindo a este sem defini-lo exclusivamente. O segundo, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, apresentou a seguinte definição: “*-teca* suf., nom., deriv. do gr. *thêkê* ‘caixa, cofre, receptáculo’, que se documenta em compostos eruditos, alguns formados no próprio grego como *biblioteca*, *hipoteca* etc., e vários outros de formação moderna como *discoteca*, *mapoteca* etc.” (Cunha, 2010). Nessa obra, como se depreende da citação, há uma enorme contradição envolvendo o formativo, que é considerado **sufixo**, mas participa de compostos eruditos. Acreditamos que essa contradição, por si só, já demonstra a natureza instável do elemento.

O *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Nascentes, 1995) também apresenta algumas notas acerca do formativo e o significado de algumas palavras que se estruturam em função desse constituinte:

TECA 1 (madeira) – Do malaiala-tamul *teku*, de origem sânscrita (Dalgado, G., Viana, Apost. II, 470, Lokotsch); 2 (*celula*) – Do grego *thêke*, estojo, cofre pelo lat. *theca*.

TECÁFORO – De *teca*² e gr. *phorós*, portador.

TECAMÊBEO – Do gr. *thêke*, caixa, estojo, *ameba*, q. v., e suf. eo.

TECAMONÁDEO – Do gr. *thêke*, caixa, estojo, *mônada*, q. v., e suf. eo.

TECÁPODO – Do gr. *thêke*, estojo, e *poús*, *podós*, pé.

TECASPÓREO – De *teca*², esporo, e sufixo eo.

Com essas definições e com os exemplos com o formativo em questão, pode-se dizer que *teca* era utilizado, preferencialmente, como um radical formador de compostos em grego, aparecendo sempre na primeira posição. Obviamente, as formações anteriores são *altamente opacas nos dias de hoje e em nada lembram* formações recentes como “barracoteca” e “esmatoteca”.

Por fim, serão apresentadas definições encontradas em dicionários eletrônicos, como o do autor Houaiss (2009), com o intuito de mapear o que dicionários mais recentes relatam a respeito do formativo. Observe a definição a seguir:

elemento de composição pospositivo, do gr. *thêkê*, é “caixa, estojo, escrínio; depósito, prédio de guarda”, representado no lat. *theca* como helenismos, e compostos de vária época, cultos, predominantemente, nos mais modernos, com a noção de “coleção” e “local de guarda de coleções”: *biblioteca*, *briblioteca*, *carpoteca*, *cinemateca*, *dimorfoteca*, *discoteca*, *endoteca*, *espartateca*, *filmoteca*, *fitoteca*, *fonoteca*,

forteca, *gliproteca*, *grafoteca*, *hemeroteca*, *hipoteca*, *hoploteca*, *iconoteca*, *litoteca*, *mapoteca*, *ofalmoteca*, *pinacoteca*, *sonoteca*, *zincoteca*, *zooteca* (o padrão de referência é o comp. gr. *bibliothéké* [antes, *bibliothékē*] “caixa de guarda de livros, local de guarda de livros, depósito ou prédio de guarda de livros” [levando em conta que o referencial em “livro” mudou com os tempos], que se representa no lat. *bibliothēca* “local em que se guardam livros, livraria (como coletivo)”, de que o lat. criou dois der: *bibliothecālis*, e “relativo à biblioteca”, *bibliothecarius*; “o que guarda e conserva uma biblioteca”; todos os subst. em *-teca* admitem adj. em *-tecal*, de dois gêneros e com pl. regular, e subst. de agente em *-tecurio* (Houaiss, 2009).

Nessa definição notam-se algumas nuances de significado do formativo em novas formações. Ora, como já foi mostrado anteriormente, mudanças de significados, mesmo que pequenas, podem afetar a morfologia da língua. E é exatamente isso, acreditamos, que aconteceu com o formativo em questão.

O segundo dicionário eletrônico utilizado com o mesmo fim (Ferreira, 2010) não apresentou nenhuma definição exclusiva do formativo; apenas continha palavras que fazem uso de *-teca*, sobretudo mais antigas, a exemplo de “biblioteca”, “videoteca” e “pinacoteca”.

O estatuto das formações com *-teca* na atual sincronia

Para analisar o estatuto de *teca* nos dias de hoje, buscaram-se tanto palavras dicionarizadas quanto novas formações. Essa busca foi viabilizada por meio de sites de relacionamento (como Orkut e Facebook), sites de busca (como Yahoo e Google), revistas e jornais de grande circulação (como *Veja* e *O Globo*) e dicionários eletrônicos em formato wiki, como o *Dicionário Informal* e o *Wikcionário*, nos quais os usuários podem acrescentar palavras e definições.

Com isso, montou-se um *corpus* que contém, atualmente, 81 palavras. Esse conjunto de palavras foi analisado à luz de qua-

tro critérios listados no Quadro 4.1 e com base nas observações de Gonçalves e Andrade (2012), com o objetivo de mostrar que a categorização de *-teca*, tal como concebida na seção anterior, *não é adequada*.

Começamos com a primeira característica que distancia o elemento de sua categorização como radical: a posição. De acordo com Gonçalves e Andrade (2012, p. 123), afixos

são regidos por fortes restrições posicionais, aparecendo numa posição predeterminada na estrutura das palavras, vindo daí a distribuição entre os vários tipos de afixos encontrados nas línguas do mundo: prefixo, sufixo, infixo, circumfixo, suprefixo, interfixo, confixo etc.

Os afixos, como indica o critério, possuem restrições posicionais muito fortes. Ao contrário, nas formações por composição mais prototípicas, as palavras e os radicais podem ora ocupar uma posição, ora outra. A título de exemplificação, repare nas palavras “pique-pegã” (uma brincadeira infantil) e “pega-rapaz” (tipo de penteado). A forma verbal “pegã” pode ocupar tanto a primeira quanto a segunda posição. O mesmo acontece com o nome próprio “Maria”, que aparece à esquerda em “maria-mole” (um doce) e à direita em “banho-maria” (tipo de cozimento).

Não foi observada no *corpus* nenhuma ocorrência de *-teca* em outra posição que não a segunda. Ter um posicionamento tão fixo em uma palavra confere a *-teca* uma característica peculiar dos afixos, mais especificamente dos sufixos. Todavia, o critério posicional, apesar de muito importante, não é suficiente para que o formato seja considerado como sufixo prototípico. Observemos, então, o segundo critério destacado nesse trabalho que confere a *-teca* mais uma característica de afixo: o fato de ser forma presa. Para Gonçalves e Andrade (2012, p. 129), afixos

constituem formas presas, isto é, são partes integrantes de palavras, não funcionando sozinhas como comunicação suficiente, nos termos de

Bloomfield (1933), por só se manifestarem quando combinadas a outras formas, presas (“sapat-eiro”) ou livres (“mês-árido”).

Alguns radicais podem aparecer na língua tanto presos quanto livres. A partícula *fobia* pode exemplificar esse caso. Ela aparece tanto em formações como “acarofobia”, quanto em formações como “Ele tem fobia de água”, o que lhe atribui uma característica de radical.

Afixos mais prototípicos não têm livre curso na língua. Para ilustrar, podemos recorrer ao prefixo *des-*, prefixo considerado legítimo (não composicional), nos termos de Schwindt (2000). Não há registro de *des-* funcionando livremente em um enunciado, como ocorre, por exemplo, com *pré-* e *pós-*, prefixos chamados compositacionais, que se submetem ao truncamento: “Estou fazendo o *pré-*; já vou entrar na *pós-*.”

De acordo com esse critério, o elemento *-teca* também apresenta atributo mais compatível com a classe dos afixos. Isso porque não há ocorrências desse formativo como palavra na língua, ou seja, *-teca* constitui unidade essencialmente presa, não se submetendo sequer ao processo de truncamento. Construções tais como “Eu tenho uma teca de livros/esmaltes”, são estranhas em português. Portanto, o elemento não pode ser utilizado livre na língua, o que lhe confere mais uma característica de afixo. Outro critério que define o formativo como afixo pode ser visto a seguir, uma vez que essas formas linguísticas

não são sensíveis às regras de redução de coordenação (*Coordination Reduction* – CR), quer para trás (BCR), quer para frente (FCR), ou seja, não podem ser apagados em estruturas de enumeração ou coordenação, como em “tele e autotendimento” (Gonçalves e Andrade, 2012, p. 141).

Alguns elementos, tais como *-mente*, atendem às regras de coordenação. Isso significa que enunciações do tipo “Rápida e

rasteiramente a menina fugiu do ladrão” são aceitas e consideradas completamente gramaticais. Porém, com o formativo em questão isso não ocorre. Enunciados como “Comprei uma vídeo e uma discoteca ontem no *shopping*” nunca seriam empregadas com o primeiro elemento se referindo a “videoteca”, de modo que *-teca* não pode ser suprimido em estruturas de coordenação, diferenciando-se, portanto, de *-mente*.

O não atendimento do formativo a esse critério lhe confere mais uma característica de afixo, contrariando, novamente, o que é descrito nas gramáticas tradicionais e nos dicionários especializados. Esse comportamento pode ser reflexo de sua não autonomia na língua, como demonstrado no critério anterior.

Não obstante, o não atendimento da partícula em questão a certos critérios que definem afixos pode apontar para comportamento condizente com o de radicais. Observe que *-teca* não atende ao critério destacado a seguir e, portanto, possui uma característica de radical: “Sufixos denominais prototípicos se adjungem a radicais, enquanto prefixos se combinam com palavras” (Gonçalves, 2012, p. 150).

O elemento em questão se combina com diversos outros tipos de elementos: truncamentos, palavras, siglas, estrangeirismos, radicais neoclássicos, como se pode observar nos seguintes exemplos, respectivamente: “bijuteca”, “cinemateca”, “dytteca”, “gametecca”, “enoteca”. Afixos se ligam a um tipo morfológico específico. Por outro lado, palavras/radicais podem se ligar a qualquer outro tipo de unidade. Logo, por não haver restrições de combinabilidade nas formações *X-teca*, o elemento à direita apresenta propriedade de radical.

Obviamente, nem todos os critérios podem ser devidamente comentados neste texto. Todavia, essa pequena aplicação já demonstra um impasse na categorização de *-teca*. Os resultados das análises, parâmetro a parâmetro, são bastante distintos, tornando a categorização do formativo complexa (Melo, 2015, p. 65): o comportamento variável que esse formativo tem é indicado pelo fato de alguns critérios destacarem seu aspecto de afixo, enquanto outros advogam em prol de sua categorização como radical.

Cruzamentos vocabulares?

Há uma consideração que deve ser feita sobre o formativo *teca* que não necessariamente diz respeito à aplicação dos critérios empíricos de Gonçalves e Andrade (2016) elencados no Quadro 4.1: trata-se de um possível paradigma criado a partir da palavra “biblioteca”.

Acreditamos que novas formações constituem uma espécie de reanálise (ou cruzamento vocabular) feita a partir da palavra “biblioteca”, o que pode ter ocorrido por duas razões: a primeira delas é o fato de essa palavra ser a forma X-teca mais antiga da língua, de acordo com os registros encontrados nos dicionários etimológicos, que datam o ano de 1536 para as primeiras ocorrências de “biblioteca”. A segunda é que essa palavra é uma das mais populares, caso sejam consideradas as demais palavras que utilizam o formativo combinado com um radical neoclássico (“pinacoteca”, “enoteca”). Para exemplificar, considerem-se os seguintes usos:

Inicia nesta segunda-feira, dia 16 de julho, a distribuição de milhares de revistas nas escolas municipais. A ação faz parte do “**Revistoteca**”, um projeto a nível municipal que consiste na doação de revistas usadas. Foram arrecadadas cerca de 5 mil revistas que serão doadas às escolas municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental. As revistas servirão para compor o acervo das “revistotecas” nas escolas facilitando o acesso de todos os alunos a mais esta fonte de cultura. (MELLO, 2013, p. 26)

Biblioteca? Na verdade, trata-se da “**Barracoteca** Hans Christian Andersen” – corrige Olávio. (Sant’anna, 2011, on-line)

As palavras destacadas são exemplos de novas formações com *-teca* e veiculam os significados de “biblioteca composta por revistas” e “biblioteca localizada dentro de um barraco”, respectivamente. Como se pode perceber, a palavra “biblioteca” aparece nos dois significados referentes a essas palavras, evidenciando o papel da noção de lugar, além de coleção, também expressa por essa palavra. As novas construções “barracoteca” e “revistoteca” podem ser consi-

deradas como resultantes de um cruzamento vocabular, processo que geralmente dá origem a palavras com formativos que não se encontram nos polos do *continuum* aqui referendado (afixo, radical).

O interessante a se destacar dessa analogia é que as novas formações, apesar de ainda relembrarem o conceito de “coleção” que *teca* pode atribuir, estão simultaneamente ligadas ao conceito de “lugar”, resultado de uma possível morfológização da sequência *oteca*, que em muito evoca a composição neoclássica, em função da sistemática presença da vogal fronteira -o- (Bauer, 1998).

Considerações finais

Caso fosse considerado o *continuum* afixo-radical para as análises até então feitas, a partícula *-teca* deveria, a partir dos atributos discutidos, ser posicionada mais próximo dos afixos. Seu posicionamento mais à esquerda (polo da derivação) mostra não só o processo de transformação por que passou, como também reforça a escalaridade entre afixos e radicais.

Reforçando a proposta de *continuum* entre essas categorias, reforça-se também a ideia de que derivação e composição são processos de formação de palavras que ocupam os extremos dessa escala, tendo em vista que esses processos são determinados pelas categorias que os envolvem. Sendo elas escalares, os processos também o são.

Em situações de mudança linguística, um formativo pode culminar em uma nova categoria sem deixar de guardar resquícios da categoria anterior. É o que ocorre com *mente*, que, embora seja tacitamente considerado um afixo, ainda guarda propriedades com sua categorização anterior, um substantivo feminino. Isso é evidenciado pelo fato de *-mente* se ligar apenas a adjetivos femininos, traço de gênero oriundo de sua antiga classe.

A importância do *continuum* para processos e para categorias demarca essas transformações e deixa claro, a partir dos critérios, o que restou da classe anterior em um formativo que sofreu mudan-

ga de estatuto morfológico. A ideia de *continuum* composição-derivação, destacar, mostra-se eficaz para lidar com elementos como *-teca*, uma vez que detalha seu comportamento, levando em conta suas idiossincrasias e permitindo, dessa forma, que o item morfológico porte atributos das duas categorias.

Referências

- BAUER, L. Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive? *Linguistics*, v. 36, n. 3, 1998, p. 403-422.
- BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. *et al.* (eds.) *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 97-108.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BOOIJ, G. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. *An Introduction to Linguistic Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2005
- COROMINAS, J. *Dicionário crítico etimológico*. Madri: Editorial Gredos, 1987.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- GONÇALVES, C. A. V. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum. Um estudo de casos. *Domínios de Linguagem*, n. 5, p. 62-89, nov. 2011.
- GONÇALVES, C. A. V. Prefixação: composição ou derivação? Novos enfoques sobre uma antiga polêmica. *Matraga*, v. 19, n. 30, p. 142-167, 2012.
- GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E. A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos. *DELTA – Revista de Linguística*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 261-294, 2016.
- GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición-derivación en portugués. *Linguística*, Ciudad de México, v. 28, n. 2, p. 119-145, diciembre 2012.
- HOUAIS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2009.
- KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McConchie, R. W. *et al.* (Eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project, p. 1-13, 2009.
- LIMA, C. H. R. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- MELO, C. N. *Derivação e composição: uma análise de -teca*. 2013. Monografia (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/948/1/CMelo.pdf>>.
- MELO, C. N. Primeiras notas sobre o comportamento do formativo *-teca* no português do Brasil. *Cadernos do NEMP*, v. 1, n. 6, 2015, p. 51-66.
- NASCENTES, A. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Acadêmica, 1955
- RALLI, A. Compounds in Modern Greek. *Rivista di Linguística*, v. 4, n. 1, p. 143-174, 2007.
- RALLI, A. Compounding versus derivation. In SCALISE, S.; VOGEL, I. (Eds.). *The Benjamins Handbook of Compounding*. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2010.
- SANT'ANNA, Emílio. Livroiro do Alemão cria "barracoteca" na favela *Folha de S.Paulo*, Cotidiano, São Paulo, 31 jul. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/952401-livreiro-do-alemao-cria-barracoteca-na-favela.shtml>>.
- SCHWINDT, L. C. *O prefixo no português brasileiro: análise morfológica*. 2000. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.